

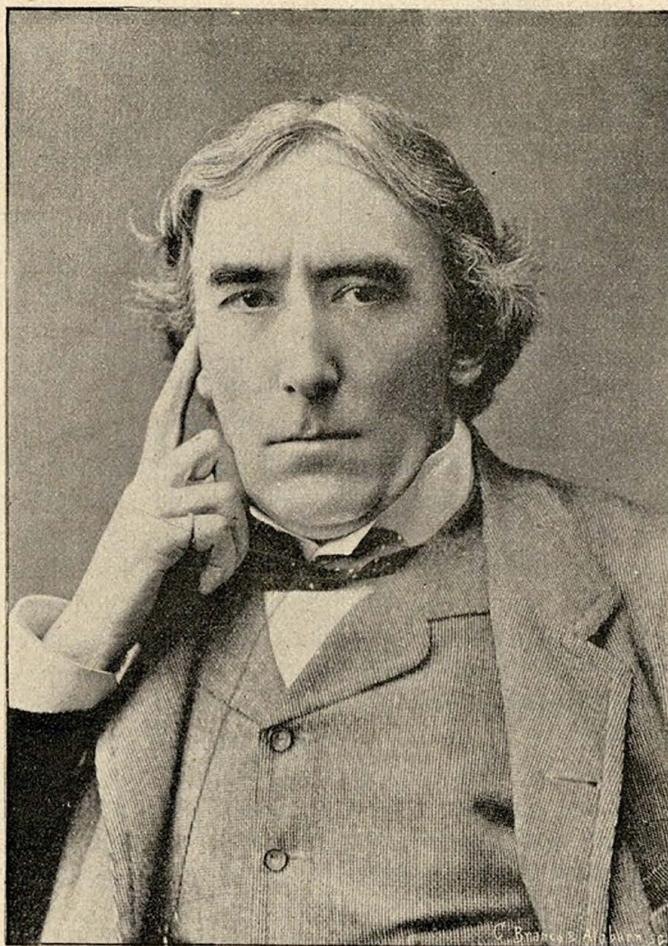
REVISTA THEATRAL

2.^a Serie — Anno II

Lisboa, 15 de julho de 1896

2.^o Vol. — Num. 38

CELEBRIDADES ESTRANGEIRAS



HENRY IRVING



HENRY IRVING

(INTERVIEW)

GRAFTON Street, Bond Street, não é precisamente um bairro attrahente, mas a porta do predio n.º 15-A dá ingresso a um dos domicilios mais interessantes da Inglaterra. E' a morada do primeiro actor inglez.

Ahi habita um homem cuja convivencia representa um verdadeiro regalo do espirito. Um dia passado com Irving não esquece mais. Elle é o menos actor possivel em sua casa: não ha a menor suggestão do theatro emquanto se está sentado a conversar com elle e entretanto todos os recantos da sua casa estão impregnados da atmospheria de romance inseparavel da vida dos grandes actores.

Fazendo todo o possível para me enganar, trabalhou conscienciosamente para occultar-me a bondade da sua alma, escripta em cada traço da sua physionomia. Não o conseguiu. Eu estava recordando os seus «pequenos cheques», isto é, as pensões que elle concede ás pessoas que o ajudaram nos seus dias de luta; a historia d'aquelle jantar de Natal que lhe offereceram uns escocезes pobres quando n'esse dia festivo elle se achava quasi em jejum; os innumerados actos de bondade que hoje estão sendo largamente compensados.

Nunca encontrei um homem que falasse menos a seu respeito do que Henry Irving. Com delicada diplomacia esquivava-se ás minhas perguntas que o podiam incriminar de caridoso. A minha descripção do grande actor é tarefa muito simples.

Tem o rosto mais bondoso que se pode imaginar — mas é preciso saber prescrutal-o.

Passei com elle um dia inteiro: em sua casa, acompanhando-o depois n'um trem para o theatro.

A escada da casa é ladeada por grandes bronzes. Um enorme *D. Quixote* está defronte da porta da sala de jantar. Aqui tambem ha muitas vistas de Veneza e numerosos esbocetos de Seymour Lucas. A casa de jantar dá para Bond Street.

Um busto de Kemble está em cima da estante dos livros, juntamente com um de Dante.

A louça de Hespanha é digna de inveja. De um dos lados do fogão está uma interessante recordação de Mrs. Siddons, um quadro representando a estalagem onde elle nasceu, no paiz de Galles, em Brecon, no sul, ainda um excellente retrato da mesma famosa actriz e uma carta escripta por ella a *lord Avon*. A calligraphia é muito meudinha e corrida, e diz:

«Obrigada pela sua bondosa cartinha, meu caro *lord Avon*. Teremos enorme prazer em acceitar o seu convite para jantar. Que pena estes deliciosos verões acabarem tão cedo!»

O estylo das cadeiras n'este aposento lembra o *Rei Arthur* e os *Cavalleiros da tavola redonda*. A salinha de fumar communica com esta. As caixas de charutos são numerosas e estão arrecadadas em um armario enorme. O ultimo retrato tirado a Charles Mathews está pendurado aqui, junto a uma boa gravura de Carlos I. Um bronze representando um arlequim francez

fica na sombra ao pé da janella; curiosos livros antigos enchem as estantes e por cima do fogão estão exemplares da escola veneziana. Ha muitas coisas dignas d'interesse na saleta e pequena sala de visitas no primeiro andar. Um relógio do tempo do imperio está aposentado ha já bastante tempo. Descança sobre o marmore do fogão.

No armario dos livros existem algumas boas e muito antigas edições de Shakespeare. Irving possui ao todo mais de trinta edições diferentes. Todas teem a data. Aqui está a terceira edição do poeta, em tempo propriedade do duque de Bedford. Outra que pertenceu ao Earl of Aylesford, em couro encarnado e dourado; não se compraria por 500 libras. As vidas e memorias (maravilhosamente completas) de Edmundo Kean, Garrick e Macready teem o seu lugar aqui. As memorias de Kean enchem a quarta parte da sala quando dispersas no chão. Irving comprou as inumeras folhas, gravuras, e tudo mais, incluindo cartas preciosas, pegadas, oito e nove, umas por cima das outras, na mesma folha. Era uma massa inextricavel de thesouros escondidos; e Irving pediu a um seu amigo obsequiador para se entreter a separar-os enquanto elle estava na America. Quando voltou, estava feita a obra.

Um armario pequeno contém as botas que Edmundo Kean usava no *Ricardo III* e a espada do *Coriolanus*. Um armario igual está na saleta. Uma a uma as reliquias são tiradas e examinadas. Ha o anel de David Garrick, dado por elle á hora da morte a seu irmão. Foi a baroneza Burdett-Coutts quem o offereceu a Irving. Dois relógios; um, de ouro, pertenceu a John Philip Kemble, outro, de prata, a Edwin Forrest.

Quando eu examinava este ultimo na mão, Irving perguntou-me pausadamente:

—Vê que horas são?

Eram cinco horas e trinta e oito minutos.

—Esse relógio parou precisamente no momento em que Forest deu o ultimo suspiro, disse-me Irving.

Mas os thesouros d'esta casa não estão ainda esgotados. Pode-se manejar a adaga de prata de Lord Byron, ver um par de sandalias antigas usadas por Edmundo Kean, um alfinete com o retrato de Shakespeare, que pertenceu a Garrick; uma carteira de marfim de Charles Matthews. Não se deixe de reparar em uma bolsa

de seda verde com uma passadeira de prata que foi encontrada na algibeira de Edmundo Kean quando elle morreu. Não tinha nem uma moeda de seis pence. Foi dada a Henry Irving por Robert Browning.

Ha bons quadros na sala. Um busto de miss Ellen Terry fica a um dos cantos. Está pendurado na parede o escudo de prata offerecido a John Kemble em Edimburgo. Ainda está guardado com a corôa de louro, já murcha, que atiraram a Irving na ultima noite da passada estação. N'esta occasião falou-se no nome de Toole. Para se ter um exemplo de verdadeira amizade juntem-se os nomes de Irving e de Toole¹.

Em cima de uma mesa está um trophéo em prata dourada offerecido a John Philipp Kemble quando este se retirou do theatro. Uma parte da inscripção diz o seguinte: *Comprado a Robert Tail Esq.re e offerecido a H. Irving Esq.re pelo seu velho amigo J. L. Toole em 5 de julho de 1884.*

Um grande corvo embalsamado está por cima da porta que dá para o escriptorio. Este é um aposento suggerindo muito, mas de que pouco se pode dizer na descripção. A secretária está collocada ao pé da janella. Muitas jarrinhas pequenas estão cheias de flôres frescas. Os quadros são numerosos. As obras de referencia a todos os assumptos possiveis contam-se aos centos. Agradou-me muito um simples retrato de miss Ellen Terry com dois cães ao colo. Ella escreveu n'elle: «Nós desejamos-lhe a continuação d'este dia por muitos annos e seremos sempre seus amigos muito afeiçãoados e dedicados. —Fussie, Ned.—Fevereiro 6 de 1889.»

Quem é Fussie? Um fox-terrier preto e branco, que vae todas as noites para o theatro com o seu dono e está sentado pacientemente em cima de um capacho, no camarim, até terminar o spectaculo, voltando então para casa. A's vezes, ás cinco horas da manhã, acorda toda a gente em casa e vae dar um passeio por Bond-Street, Oxford-Street, Regent-Street, voltando d'ali a tres ou quatro horas.

Fussie pertencia ao pobre Fred Archer, o celebre jockey, e foi offerecido a Irving por miss Ellen Terry. Miss Terry estava um dia visitando umas cocheiras em Newmarket e Fred Archer deu-lhe um cachorrinho, que foi baptisado

¹ Toole é o primeiro actor comico inglez da actualidade.

apropriadamente Fussie. Mr. Irving assegurou-me que se fosse para a America e se esquecesse do *terrier*, este atravessaria o Atlantico a nado para ir ter elle.

No fundo do escriptorio ha um grande espelho, que occupa a parede do tecto ao chão. Encostadas a elle ha uma grande quantidade de espadas, todas dignas de interesse, e muitas bengalas. A espada que Edmundo Kean usava em *Ricardo III* está n'uma bainha de velludo carmezim; outra é a espada de David Garrick, e esta foi usada por Irving em *Hamlet* duzentas noites a fio. O crepe com que está coberta acha-se quasi em frangalhos.

Uma das bengalas pertenceu ao fallecido Frank Marshall, que a usou muitos annos.

Depois d'esta viagem atravez de tantas curiosidades Irving sentou-se na sua cadeira, e passámos a tarde evocando recordações. Pareceu-me que elle sempre *pensava* antes de falar. O seu trabalho mostrou ha muito o artista instruido que elle é, mas começa-se a avaliar melhor depois de se ter conhecido o homem.

Poder-se-hia escrever muito da sua brilhante carreira, dos esforços que tem empregado para elevar a sua profissão, de que elle é o chefe em Inglaterra, até ao logar que essa profissão agora occupa na estima do publico. Irving vive e tem vivido sempre para a sua arte. Esta com certeza viverá depois d'elle.

Bastará por agora falar dos muitos e agradáveis incidentes de um dia tão bem passado e que só acabou quando lhe disse adeus á porta do theatro, já tarde, e com elles alguma coisa do trabalho que elle tem feito.

John Henry Brodribb nasceu em Keinton, perto de Glastonbury, no dia 6 de fevereiro de 1838.

Ainda que «Irving» foi adoptado como nome de theatro, é agora legalmente o seu nome, por isso que foi com elle que recebeu o titulo de Sir, que a rainha Victoria lhe concedeu. E' elle o primeiro exemplo d'um actor inglez elevado a tal dignidade.

Passou os primeiros tempos da sua infancia em Cornwall. Aos 11 annos entrou para o collegio do dr. Pinche em Yard, Lombard Street, uma localidade tornada celebre pelo facto de ser n'um restaurant da vizinhança que Pickwick, o heroe do romance de Ch. Dickens, comeu as suas costeletas com molho de tomates. Foi na Academia do Dr. Pinche que o moco Irving

assombrou mestres e discipulos com a recitação d'aquelle nebuloso, ainda que dramatico poema *O Tio*.

Do collegio foi para a carteira, para uma casa que negociava para a India, em Newgate Street a qual ainda existe.

Irving confessa ter estudado ali poemas e decorado partes de livros que escondia entre as paginas do *Diario*.

«Um dia, contou-me Irving rindo, comecei a estudar uma peça emquanto ia para o escriptorio. Não a podia deixar. A cada momento, quando o gerente não olhava para mim, tirava o livro da algibeira. Tinha resolvido acabal-a n'aquelle dia. Durante a minha hora de jantar fui esconder-me dentro d'um enorme caixote. Passaram-se as horas sem eu dar por isso. Parece que me procuraram por toda a parte e quasi ás 6 horas vieram dar comigo no meu esconderijo.»

Debutou no novo Sunderland Theatre em 29 de setembro de 1856. Depois trabalhou muito nas provincias, muitas vezes estudando 17 e 18 papeis n'uma semana.

As manhãs passava-as com pannos molhados em volta da cabeça decorando com uma assiduidade que faria a admiração do mais entusiastico academico. De Sunderland foi para Edimburgo, Glasgow, Manchester e Liverpool. Foi Mr. Toole quem lhe obteve a primeira escriptura em Londres. Tinham-se encontrado algum tempo antes em Edimburgo, mas um papel pequeno em *Ivy Hall* no Princess, em 24 de setembro de 1859, não deixou satisfeito o moço actor.

Voltou para as provincias, trabalhando mais do que nunca, e só passados 7 annos reapareceu em Londres como primeiro actor no Saint James, representando *Doricourt* em *The Belle's Stratagem*. O seu maravilhoso desempenho de *Digby Grant* em *The Two Roses* no Vaudeville ainda está na memoria de todos. Representou *Grant* 300 noites. Não era então considerado um actor tragico e o seu extraordinario desempenho de *Mathias* em *The Bells* no Lyceum Theatre, sob a direcção de H. L. Bateman foi uma revelação, que se confirmou depois em *Charles I*, *Eugene Aram* e *Richelieu* e finalmente em *Hamlet*.

Representou o papel de principe da Dinamarca 200 noites, a maior serie de representações que teve a peça.

Seguiram-se mais peças de Shakespeare e outras, até que Mr. Bateman se retirou do Lyceum.

Em 30 de dezembro de 1878, o Lyceum Theatre abriu com *Hamlet*: deu outra serie de 100 noites. N'essa memoravel noite de 30 de dezembro, miss Ellen Terry começou a representar no Lyceum. O actor tinha-se tornado director e nenhuma direcção antes ou depois obteve tão brilhantes resultados.

As suas peças novas são anciosamente esperadas: *The merchant of Venice*, *Twelfth Night*, *Much ado about nothing*, *Vicar of Wakefield*, *Macbeth*, *Faust*, *The Cup*, *Othello*, em que elle alternava os papeis de Mouro e Yago com Edwin Booth, e *Henry VIII*, que como deslumbramento de espectáculo e de *mise-en-scène* nunca tinha sido igualado, e depois *King Lear* e *Becket* de lord Tennyson constituem a parte mais importante do seu repertorio habitual.

Por tres vezes Irving, acompanhado por miss Ellen Terry e a companhia do Lyceum, tem ido á America. Ali como em Inglaterra o seu genio foi immediatamente reconhecido.

William Winter, o eminente critico dramatico disse: «Irving fala á alma e á imaginação...»

—Pergunta-me se já soffri algum desastre? Unicamente um que fosse grave. Foi na primeira serie do *Hamlet*. A espada escorregou da mão de Laërtes e feriu-me ao pé d'um olho. Um amigo meu o dr. George Critchett estava na sala. Veio ao palco e fez parar a hemorragia applicando-me gelo durante 12 horas.

—Se esgrimo? Viu as minhas armas lá em baixo, em cima da meza. Agora não faço exercicio porque esta arte, uma vez sabida não esquece mais. Recebi as minhas primeiras lições d'um homem chamado Shury em Chancery Lane, depois de Roland em Edimburgo e tambem de Mr. Turk em Angelo.

—Se já alguma vez me esqueci dos meus papeis? Já. E' uma coisa curiosa, que quanto mais senhores estamos d'um papel, mais facilmente nos *embrulhamos*. E acontece com mais frequencia depois de o termos representado cem vezes ou mais. E a maior parte das vezes quando é mais preciso o ponto é quando elle está com menos attenção.

—Dê-me a palavra.

—Que palavra quer o senhor? pergunta o ponto.

O dia declinava rapidamente.

Irving levantou-se de repente. São 6 1/2. Vamo-nos. Desculpe-me emquanto escrevo duas linhas. Veja isto. (passando-me uma carta). Recebo muitas n'este gosto.

Era uma carta d'um creado de meza pedindo a Irving para lhe representar uma peça original em verso livre que elle escrevera. Durante a nossa ida para o theatro disse-me muitas coisas interessantes. Perguntando-lhe se achava util uma escola para actores, respondeu-me que a Escola não podia fazer um actor. «Póde-se ensinar a dicção, a technica, mas não se pode fazer um actor. Mesmo a technica é um estudo para toda a vida. A maneira de apertar a mão muda todos os dias.»

Elle estuda os seus papeis em toda a parte. Muitos dos caracteres que o vemos interpretar hoje tinha-os no espirito ha muitos annos e tem-se desenvolvido e aperfeiçoado desde então. Depois de muitos annos de representar ha sempre alguma coisa a descobrir n'um personagem. Irving é um dos poucos actores, que, na conclusão d'uma scena de morte em uma tragedia, cae para deante. Segue a opinião dos medicos e de muitos antigos soldados a este respeito. E' a unica maneira natural de proceder, como os que de repente são atacados pela morte.

Quando um homem recebe um tiro cae-lhe a cabeça para o peito e o corpo cae sempre na direcção indicada pela cabeça.

Quando chegavamos á entrada particular do theatro, em Burtleigh Street, perguntei a Irving se tinha alguma vez encontrado o fallecido cardeal Manning. Não tinha. Entretanto no *Cardinal Wolsey* em *Henry VIII*, quando o actor sorri, a sua expressão é a exacta imitação da do defunto cardeal.

Fussie segue-nos. Passando por um corredor que leva directamente ao palco, encontramos uma escada. As paredes aqui, estão forradas de esteiras indianas. Dão-se alguns passos e entra-se no camarim. E' tão confortavel quanto possivel. As paredes estão cobertas de quadros e gravuras, incluindo uma por Maclise, e «Edmundo Kean» por Clint: retratos do proprietario do camarim não faltam: e os de Sarah Bernhardt, Ellen Terry e John L. Toole estão em logares proeminentes. O logar de honra é uma cadeira no estylo do King Arthur. Aqui, principes, poetas e politicos, homens de talento de todas as nações, tem estado sentados.

E' a meza o que mais nos fascina. Está coberta com uma toalha branca e tudo a postos para a caracterisação. Tudo em cima d'esta meza é antigo. A mesma meza, é um accessorio do palco e util para scenas de banquetes.

O espelho está atado com cordeis e tem servido ha alguns vinte annos. O cesto onde estão os utensilios para a caracterisação, tem tambem uma boa idade. Ha uma variedade enorme de bonecas para pó d'arroz. Pires e pratos estão arrumados por ordem, contendo varios pós, principalmente uma mistura de ocre e branco, que ha-de ajudar a fazer a côr do *Cardinal Wolsey* que é o personagem que elle representa esta noite. A cadeira collocada em frente da meza é velha e desconjuntada, mas quem se senta n'ella conserva-a pela recordação e dá-lhe mais conforto que a mais commoda *ottomana* turca.

Fussie nunca se meche do seu logar. Ainda tinhamos muito tempo deante de nós, mas havia uma razão para chegar cedo ao theatro. Era para conversar a respeito do bom Charles Matthews. Depois de varias anedotas ácerca d'este actor cujo retrato me mostrou, Irving tira a luneta e começa a caracterisar-se. A proposito, elle considera u-na vantagem para um actor, o ser myope. Não pode ver se os espectadores sorriem nas scenas sérias e choram nas alegres. A caracterisação acabada, Irving torna a pôr a luneta.

Toda a caracterisação levou apenas alguns minutos. A que é precisa para *Mathias* em *The Bells* é a mais simples de todas. *Shylock* é a mais complicada; leva tres quartos d'hora. *Richelieu* e *Charles I* seguem-se-lhe.

Agora Irving veste os fatos de seda do *cardinal*; o barrete e o livro estão ali ao pé: mette um anel no dedo, dá uma vista d'olhos ao todo e o grande actor sae do camarim. Eu sigo-o quando elle desce a escada. Conversamos até chegar aos bastidores. Abre-se uma porta em scena, Irving diz apressadamente:

— Vou entrar.

D'ahi a um instante, uma salva de palmas diz-me que *Cardinal Wolsey* está em scena.

Esta mudança extraordinaria é repentina e completa, porque elle veio directamente do seu camarim para a scena, tendo o tempo perfeitamente calculado. Esta transicção immediata do homem para o actor é admiravel. Foi assim toda a noite. No palco era immediatamente ou-

tro homem. Com a sua sahida o *cardinal* esquecia completamente.

Tive occasião de ver o trabalho de um verdadeiro exercito de carpinteiros e empregados no palco. Está perfeitamente organizado e o enthusiasmo que toda aquella gente mostrava em armar uma scena ou limpar os moveis promptos para uma mutação, pareciam mostrar tanta dedicação pelo homem que os dirige, como desejo de ganhar o seu salario. Mas quando não estava com Irving passei a maior parte do meu tempo em uma cadeira de pau embutida na parede do proscenio e de onde se tem uma excellente vista da scena. E' o logar predilecto de mr. W. E. Gladstone quando vae ao Lyceum e muitos outros homens eminentes a teem occupado.

Eu estava ali sentado muito socegradamente. Irving tinha sahido de scena e veio ter comigo.

— Uma cadeira commoda, disse elle com os olhos a rirem-se. O embaixador chinez esteve ahi uma noite. Estavamos representando *Hamlet*. Miss Terry estava no meio da sua scena de loucura. Eu tinha ido ver como o meu Celeste amigo se achava. Encontrei o dirigindo-se para o palco. O desempenho de *Ophelia* tinha-o commovido tanto, que estava desejoso de a felicitar immediatamente. Cheguei no momento preciso para o deter. Mais um passo e teria feito o seu *debute* na scena. Ao mesmo tempo gostava de ter visto o que faria o publico vendo entrar no palco uma pessoa com o fato multicôr, cujo nome não estava incluído na distribuição do *Hamlet*.

HARRY HOW.

Dr. LUIZ DA COSTA PEREIRA

ANTIGO PROFESSOR DO CONSERVATORIO

RUDIMENTOS

DA

ARTE DRAMATICA

1.^a serie da REVISTA THEATRAL



REVISTA DOS THEATROS

THEATRO DA TRINDADE

3 de Julho

OS SINOS DE CORNEVILLE¹

Operetta em 3 actos de Chivot e Duru, musica de Robert Planquette, traducção do sr. Eduardo Garrido

Nada justifica esta *reprise* e nem n'ella falariamos se não tivesse servido á apresentação de uma companhia com que o actor José Ricardo, do Porto, se propõe a explorar este theatro durante o verão.

Não nos parece feliz a idéa, não nos parece boa a companhia, e não nos parece digna a *reprise*.

José Ricardo mesmo, que depois de Ribeiro, é quem com mais brilho tem feito o papel do velho *Gaspar*, não estava de posse de todos os seus recursos, ou por se vêr tão desajudado ou por arrependido da sua empresa. Como director tem tido, ao que dizem, enormes difficuldades, pois alguns e dos melhores artistas com que contava para fazer a epocha, não satisfizeram os seus compromissos. Assim, viu-se forçado a inventar e á pressa uma interpretação e deu-nos Cinira, que muito admirada por nós na cançoneta e nos pequenos papeis de Revista, não pode, com applauso nosso, encarregar-se da parte de *Rosalina*, Cerri que em *Germana* é fina demais e tem seu fiosito de voz—(O publico não gosta de actrizes finas, isto está provadissimo; as que o são, nada fazem em Lisboa; o nome d'ellas accode n'este intante aos labios de todos.), mais nos deu... um actor que, em Corneville, diz chamar-se Nicolau da *Purificação*, (ai, meu Garrido, que coisas te fazem!), um outro que lê *Bourges* como se fosse *Bourges* e que fica muito contente porque, como o da *Purificação*, julga que tem graça e é o primeiro a rir-se do que diz, e mais... outros que tal, com o Queiroz á frente, velho e gasto no papel de *Marquez*, mas que foi o unico que o publico applaudiu, querendo applaudir alguém. Até no fim do 2.º acto, em que os applausos cabem só, por praxe, ao actor que faz de *Gaspar*, o José Ricardo teve de trazer, como contrapeso, o Queiroz, que parece começar agora a ser apreciado. Não foi justo.

¹ DISTRIBUIÇÃO: = *Marquez* de Corneville: Queiroz. — *Gaspar*: José Ricardo. — *Nicolau*: Correia. — *O bailio*: Firmino. — *Tubarão*: Duarte Silva. — *Germana*: Cerri. — *Rosalina*: Cinira Polonio, etc.

THEATRO DO PRINCIPE REAL

9 de Julho

O CORREIO DE LYÃO

Drama em 5 actos e 7 quadros traducção do sr. Salvador Marques

O *Correio de Lyão* passa por ser obra modelo no genero melodramatico. Eu prefiro lhe, e com grande vantagem, *As duas orphãs*. N'esta, sim, não ha uma palavra a mais, não ha uma syllaba a menos. Será sempre, em minha opinião, a obra mestra de Dennery. Para mais merecer a minha sympathy *As duas orphãs* não é, como o *Correio de Lyão*, a exploração de um caso verdadeiro propositadamente adulterado para arrancar a lagrima ao publico apreciador d'este genero de theatro.

Está hoje quasi que provada a evidencia da culpabilidade de Lesurques no assassinato de João Mauricio Excoffon, o lugubrememente celebre correio de Lyão, e, a quem conheça a historia documentada do crime, o drama deixou de interessar. A reabilitação da *victima* d'esse tão complicado processo não conseguiu nunca effectuar-se, nem perante o conselho dos Quinhentos, á assembléa dos quaes duas vezes foi apresentada, nem em 1806, nem pela camara dos pares, em 1821, nem ultimamente em 1864.

A proposito da peça diz-nos mesmo um dos descendentes de Excoffon:

«Illudida pela base phantasista de um drama cuja excellente construcção e commovedoras peripecias justificam o exito constante, a opinião publica quasi se costumou a ver em José Lesurques uma *victima* desgraçada d'um erro judiciario; affirmo que não é tal.»

«A popularidade de um drama que põe, no theatro, dois personagens identicos, os effectos que um auctor dramatico ou um romancista pode tirar da supposição de um erro judiciario, teem dado credito a este facto: de ter havido dois individuos confundivelmente parecidos; a verdade é que isso é uma ficção; nem as testemunhas, nem os juizes a admitiram nunca.»

«O dó, essa mola tão poderosa no theatro,

¹ PERSONAGENS: — *Jeronymo Lesurques*: Miranda. — *José Lesurques*, *Dubosc*: Torres — *Daubenton*: juiz: Luciano. — *Choppará*, *alquilador*: Mesquita. — *Courriol*: L. Ramos. — *Foumard*: Roldão. — *Didier*: C. Marques. — *Joliquet*: A. Salvador. — *Guarneau*: H. Peixoto. — *Lambert*: Oliveira. — *Dumont*: J. Silva. — *Magloire*, *postilhão*: Henrique. — *Director da posta*: Peixoto. — *Viajante*: Moreira. — *Agente de policia*: Silva. — *Carcereiro*: Leopoldo. — *Creado*: J. Silva. — *Joanna*: Elisa Aragonez. — *Julia Lesurques*: Julia d'Assumpção. — *A filha do director da posta*: Francisca Martins. — *Rapaç*: Guilherme Silva. *Frequentadores do café*, *gendarmes*, *convidados*, etc.

TITULOS DOS QUADROS: = 1.º A entrevista. 2.º O assalto á diligencia. — 3.º O interrogatorio. — 4.º A acareação. — 5.º O livro do Alquilador. — 6.º O tribunal. — 7.º A ultima esperanza. = Paris, 1796.

não foi posta de banda pelos auctores a quem esta ficção promettia o seguro exito que obtiveram; mas as lagrimas que se arrancam de uma sala d'espectaculo sobre a desgraça d'uma pseudo-victima de um erro judiciario nada teem que ver com a realidade da historia.»

Isto affirma um historiador do veridico caso, prova o e quasi convence a gente, deixando apenas no nosso espirito o receio que n'elle sempre deixa o criminar alguém por mais reconhecida-mente criminoso que esse alguém possa ser.

Seja como fór porém, a critica da peça, como peça, está feita e nem o historiador que cito, nem ninguem, lhe pode negar as qualidades de um bello melodrama, nem o exito que durante mais de cincoenta annos alcança nas platéas populares.

O sr. Salvador Marques. na melhor das intenções certamente, alterou-lhe o desenlace fazendo sobrecarregar a obra original com mais um erro. Salva Lesurques da guilhotina. Não faz bem. O erro dos auctores aproveitando se da similhaça ficticia entre dois individuos era um recurso theatral mas historico, o erro do sr. Salvador não é historico nem theatral, muito mais dados os modernos processos de theatro onde o fecho da peça franceza muito bem está. Poderia deixar tambem em suspenso a idéa da execução e deixar o publico vir para sua casa hesitando, ou não, sobre se Lesurques seria guilhotinado; essa mesma hesitação se deu com elle proprio até ao momento de lhe cahir a cabeça no cadafalso.

Se, como traductor da peça o sr. Salvador, que muito considero, me mereceu um leve reparo, merece o meu franco elogio pela protecção que está dando a uma serie de artistas novos, d'entre os quaes seguramente alguns poderão vir a prestar serviços no nosso theatro, tão depauperado d'elles.

E' este em França o verdadeiro pretexto e fim das epochas de verão: educar artistas novos em peças de seguro exito, mas que o publico paga naturalmente por preços mais baratos Esta é a unica desculpa que o desempenho pode achar, se bem que deva seriamente contar-se com as difficuldades da peça e sobretudo do papel de *Lesurques—Dubosc*, que em Paris fez, só por si, o nome a um actor.

E' esta peça como que um toiro dos de mais brava raça lançado em uma arena de toureiros de inverno; cada um faz o que pode e trata de livrar o corpinho.

Que lhes aproveite. E' assim que se aprende.

J. M.

THEATRO D. AMELIA

4 de Julho

A GRÃ DUQUEZA DE GEROLSTEIN¹

Opera buffa em 3 actos e 4 quadros de Halevy e Meilhac, traducção de Eduardo Garrido, musica de Jacques Offenbach

Mais uma *reprise* que não deixa de ser curiosa pela interpretação que é quasi totalmente nova e muito accéitavel. Joaquim Costa e Cabral fazem dois dos melhores *Boum* e *Fritz* que temos visto, e Augusta Cordeiro uma bella *Grã Duqueza*, grave talvez de mais, mas cantando afinado e dizendo justo por vezes. Quando passa em revista as suas tropas, faz uma entrada que só ella lhe deve merecer elogio. Apenas Rochedo não pode arcar com o papel de *Wanda*, nem pela voz, nem pela figura; Rosa Paes, repetimos, promette. E' interessante, não é ciciosa — que agora no theatro, parece ser de requisito o ciciar as palavras — e interpretou regularmente o *Príncipe Cornelio Gil*.

Os frequentadores do D. Amelia, em presença de uma tão apreciavel exhibição como é esta e por artistas portuguezes, nem por isso estoiraram muito as luvas applaudindo, mas bem sabem elles que as pobres actrizes portuguezas não teem muito com que lhes paguem o fiado novo. Verdade é todavia que a empreza os apoiou não explorando por demais a peça que foi substituida a pressa pela estafada *Cigarra* da companhia d'aquelle theatro.

— Porquê? perguntará alguém pasmado e com razão.

Talvez o *Fritz* acertasse se nos respondesse com o seu costumado estribilho:

— *Historias de mulheres, ora aki está.*

¹ DISTRIBUIÇÃO: — *O general Boum*: Joaquim Costa. — *Fritz*: Pedro Cabral. — *O conde Grog*: Gomes. — *O barão Puck*: Nobre. — *O príncipe Cornelio Gil*: Rosa Paes. — *A Grã-Duqueza*: Augusta Cordeiro. — *Wanda*: Rochedo. — *Damas d'honor*: Libania, Maria Pinto, Hortense Rochedo, etc.



CORRESPONDENCIAS

DE MADRID -- Julio, 8.

Sermón perdido.—El patriotismo en el teatro

Imagine el lector, que á estas alturas de progreso de sastrería y de buenas costumbres exteriores, saliera á la calle un hombre vestido con el taparrabos primitivo, y que al preguntarle los curiosos acerca de su estraña mania, les replicara lo siguiente:

«Les choca á ustedes que lleve puesta la mísera tela con que los artistas pintan en sus cuadros á los salvajes de America, en el momento que Colón los descubriera, y discurro que estoy en mi derecho al prescindir de los modernos vestidos, los cuales, me lastiman el cuerpo por no estar á ellos acostumbrado. Dirán que llamo la atención no acomodándome al uso establecido, más sepan que prefiero mi humilde adorno á ponerme otros que de seguro habrían, de estarme holgados, como le sucedió al pobre del cuento.

Afirman que en un pueblo frequentaba la plaza un desdichado falto casi de ropa, y que cansados los vecinos de ver sus carnes, pues le asomaban por entre los rotos de sus harapos, acudieron en queja al alcalde, rogándole que tapara la desnudez del pobrete, por no tener necesidad de conocer sus mujeres la anatomía artística ó la orquística tan á lo vivo. El alcalde llamó al pobre, y, una vez en su presencia, le regaló unas bragas e un chaqueton, diciéndole: «Remedie hermano su necesidad de vestido con esas prendas, que, de no remediarla cumplidamente y seguir imitando á los felinos de la célebre *Gatomaquia*, he de ponerlo donde no le estorbe el sol.»

El agraciado con el presente bien quiso obedecer el mandato del pedáneo; pero el chaqueton le venia amplio y sobradas las calzas, y, siendo mi hombre un poco vanidoso, prefirió quedarse metido en su choza á lucir públicamente las prendas en cuestión.

No merece censuras el literato que prefiere el modesto taparrabos al traje lujoso que le prestan ó hurta, como hacen muchos traductores; pero tan malo es el vivir al igual de nuestros padres cual ir orgullosamente con ropa ajena.

Quienes no siguen los gustos del público, mudable de suyo, fracasan en sus empresas literarias, y es inútil que pongan en tortura su ingenio á fin de atraerselo. Existe una comunión de sentimientos entre los espectadores y los dramaturgos, y de romperla estos, cosechan manifestaciones ruidosas que los dejan apesadumbrados y sin blanca.

Cuando un autor quebranta esa solidaridad afectiva, por empeñarse en demostrar una idea nueva, la crítica há de premiar su arrojanca, que intenta ensanchar la esfera del arte al defender una verdad poco estendida, y las inovaciones son siempre utilísimas; más si desea contar lo que causa fastidio ó disgusto, el concurso no le aplaude, y en cuanto á los comentadores, suelen licenciarle de su oficio, negándole el examen de sus producciones. Nadie pondrá en duda que el jamón es cosa rica; dejarlo unos años sin comerlo y se enmohecerá; trasladarlo al estómago cuando está fresco, e habrá de convertirse en sangre, en grasa, en salud.

Los más de los autores españoles continúan inventando obras que no se recomiendan por la novedad ni el interés, y en cierto modo, son como el jamón podrido ó como el mono-maniaco de que antes hablé. Usan taparrabos literario, y dada su afición á manducar manjares rancios, padecen un mal terrible: el escorbuto intelectual.

Un ejemplo demostrará la exactitud de mis apreciaciones, mejor que cien comentarios que podría establecer en confirmación de lo expuesto.

La sátira política que encubre sus ataques, simbolizan-

do en tipos abstractos las picardias, desaciertos y bribonadas de los gobernantes, florece cuando no hay libertad de escribir y pensar. Solo en épocas de reacción se anima la estatua apellidada de Pasquín, y solo al romper la policía la pluma del literato, nace su oposición no siempre justificada.

Navarro Gonzalvo desconoce sin duda la transformación que viene operándose en el gusto del público, que sigue componiendo revistas políticas como hace doce años, ó quizás obedezca su tenacidad á no saber dar á su imaginación otros rumbos en armonía con las mudanzas que se han apoderado del teatro.

La feria de Villaplácida, representada por vez primera en Maravillas, es una sátira sin veneno que nada dice al burgués poco leido. La salchichería que aparece en la tal revista no es la ciudad de Washington, ni Cleveland, ni nada que se le parezca: es una vulgarísima salchichería. El alcalde que habla recio no se parece á Canovas; el cabo de escuadra no recuerda á Weyler, y aquella Pancha retórica se asemeja á Cuba como un huevo á una castaña.

En otros países la crítica no necesita marcar al escritor el camino que há de seguir, por estar atento á compulsar la moda artística, susceptible de no pocos cambios; en cambio en España, donde los talentos se cristalizan fácilmente, tiene que desempeñar el papel de *niñero* y enderezar muchísimos pasos.

*

En llegando un periodo calamitoso, de esos que ponen á prueba la calma de un pueblo digno y altivo, como le sucede al presente á España enfrente de sus desdichas exteriores y de sus males interiores emanados de una política débil ó criminal; en llegando un periodo de prueba, los escritores de ocasión no dán paz á la pluma, creyendo que espoleando el patriotismo conseguirán la inmortalidad de sus apellidos ó crecidas ganancias, que de todo hay en la viña de la patriotería barata.

Desde que la guerra de Cuba nos trae á mal traer, han muerto miles de miles de insurrectos, en el escenario, y la hemos dominado, también en el escenario, no dejando de Garía, Gomez y Maceo ni siquiera los sombreros de paja con que se resguardan del sol de las Antillas.

En el drama titulado; *Patria!* el enemigo huye apenas divisa un soldado; en las zarzuelas *Los Voluntarios de Fauste* y *Los Veteranos*, conquistamos el mundo entero, y en las piezas que seguirán componiéndose, persiguiendo fines de alto patriotismo, pues un mal nunca viene sólo, nos demostrarán los ingenios de temporada que con versos contrahechos e adocenados conceptos se salvan las dificultades que nos tienen enfurruñados, no desesperados.

El desinterés de estos truchimanes es fingido. Buscan la notoriedad y el provecho, no vacilando en ponernos en ridículos ante nosotros mismo con sus disparates poéticos con sus puntas de poema heroico.

El heroísmo que no saben expresar dignamente los autores *patriotas*, lo *desempeña* con sublimidad el pueblo español. Manda sus hijos á la manigua, y al acercarse los mambises lanzan al aire los juvenes soldados el grito santo de la Patria muriendo sin gloria en aquella guerra de hermanos. Los que vuelvan cargados de enfermeda-

des, adquiridas en un clima mortifero, les espera el hambre, y quizás el olvido de los políticos.

Hago punto en esta ya larga correspondencia, y hasta la proxima, en la cual he de ocuparme de las *novedades* teatrales que se sucedan en los carteles de aqui á finales de mes.

E. ALONSO ORERA.

DE PARIS, 6 de Julho.

Les Soutiens de la Société.— Uma velha peça de Ibsen.— Mais um triumpho da *Oeuvre*.— O *Ultrage* no Porte-Saint-Martin.— M.^{elle} Lara e o actor Garnier.— O projecto d'uma estatua de Ricardo Wagner em Paris.— Opiniões diversas.— O *Tartuffe* e o actor Worms da Comedia Franceza.— Um drama lyrico premiado.— Actrizes em bicycletas.— Deslumbrante festa no Parque de Bolonha.— Os condes de Castellane.— Outras noticias.

Os *Soutiens de la Société* de Ibsen é uma peça que segundo crêmos tem uns trinta e tantos bem puxados, mas o que não impede de ser um bello trabalho, uma obra d'arte superior e mesmo atravez o *melo* com resaios ao dramalhão da marca Ennery, descobrimos o pulso valente do dramaturgo genial que mais tarde nos deu *Solness, o constructor* e o *Pequeno Eyolf*.

Como a peça se acha publicada e como é um dos dramas que teem sido mais discutidos de Ibsen, julgamos escusado uma explicação completa da acção. Trata-se do rico armador de navios, Bernick, que é o personagem mais considerado d'uma cidade maritima da Noruega,— o *sustentaculo da sociedade*. Com uns laivos de socialismo á 1848, a peça explora a veia inexgotavel da lucta entre os miseraveis esmagados sob o peso da auctoridade e do capital e os ricos respeitadas, aclamados, senhores de todos os melhores logares que obteem mesmo pelos meios mais deshonestos, como Bernick que lança sobre as costas do pobre John duas patifarias de que elle tinha sido pelo contrario o verdadeiro author.

Nos *Sustentaculos da Sociedade* ha varias declamações que o Ibsen de hoje deve repudiar. Mas a peça no seu conjuncto é de primeira ordem, sobretudo aquella scena da confissão no ultimo acto, quando Bernick arrependido de toda uma vida inteira de mentira, declara em frente da população que o vem acclamar como a sua alma está repleta de vergonha.

O drama de Ibsen foi muito bem representado por Lugné Poë que comprehendeu magnificamente o papel de John. O actor Ramon no papel de Bernick deu por vezes uma nota falsa. Por parte das damas: M.^{elles} Régine Martial, Renée Cogée, France, todas muito bem. Iamos a dizer: admiravelmente!

Na sala d'espectaculo via-se a fina flôr da litteratura franceza. Foi este o ultimo spectaculo da *Oeuvre* n'esta epocha.

Lugné Poë vae talvez mandar construir um theatro especial, segundo nos annuncia o *Mercur* de France.

*

Ainda outra peça velha, mas de menos valor litterario sem que por isso deixe de ter um successo muito razoavel. Falamos do *Ultrage*, drama em 5 actos de Barrière e Edmond Plouvier que hoje se representa no *Porte-Saint-Martin*. Esta peça tem uns 38 annos d'existencia, mas como contém situações muito interessantes obtem sempre um grande successo no publico, sobretudo no publico que vae ao theatro em busca de sensações melodramaticas e que pouco se importa com symbolos de quinta essencia.

Trata-se d'uma menina, Helena, que foi violada por um individuo que ella não conhecia e que só depois de casada poude reconhecer,— o cunhado do homem com quem casara. O miseravel Thierry deixa-se cahir n'uma arriosa bastante engenhosa: a questão d'um beijo e... descobriu-se. Ha depois um duello e quando o marido de Helena hezita em matar o seu adversario, é ella, a virgem violada, movida ainda pelo rancor quem vem dar força ao esposo, gritando-lhe: — Mata-o. Mas Thierry suicida-se banalmente com um tiro de pistola. Este final causa certa surpresa, porque na antiga peça era muito diverso. Não se sabe bem porque Ennery mudou o ultimo acto do *Ultrage*. M.^{elles} Lara e Garnier representam a: agistralmente, na opinião de toda a critica.

*

A representação do *Tartuffe* de Molière por Worms, na Comedia Franceza foi um dos acontecimentos theatraes mais importantes da semana. Como é sabido, o interessante e tão complicado typo do *Tartuffe* tem sido diversamente interpretado. Basta lêr o livro de Regnier *Le Tartuffe des Comediens*. Mas se nos guirmos por Molière,— porque não?— este personagem é geralmente comico.

Worms fez do *Tartuffe* um seminarista magro, bilioso, cheio de baixa inveja, bem diverso do personagem gordo, rubicundo, mas sonso que habitualmente nos davam na peça de Molière. Mas com um alto criterio, um senso artistico superior, Worms interpretou o personagem segundo a maneira de vêr do author, talvez melhor do que até hoje o tinham feito Silvain e Febvre. O publico applaudiu-o com sinceridade, não o publico mundano das terças feiras, mas o da critica séria e sabia.

*

A revista *La Critique* dirigida pelo nosso amigo e illustre escriptor Georges Bans lançou a ideia d'um monumento a Wagner, e escreveu a varios escriptores e criticos, perguntando-lhes o que elles pensavam sobre esta ideia.

A pergunta era assim concebida:

— E' favoravel ou hostil ao projecto d'um monumento elevado pelos francezes ao grande Ricardo Wagner?

Paul Hervieu respondeu: que não sabia o que podesse haver d'aproveitavel nas inuteis discussões que levantariam em França um acto sem precedentes.

Antonin Proust:— que n'um paiz onde ainda não ha um monumento a J. Sebastião Bach, nem a Beethoven,

nem a Mozart, nem a Glück, nem a Hayden, nem a Haendel, seria prematuro levantar um monumento a Ricardo Wagner.

Paul Brulat; — que os francezes deviam primeiramente olhar para os grandes homens do seu paiz e que os estrangeiros principiam a causar embaraços na França.

Paul Deroulède:—um monumento a esse bandido! Seria um insulto ao patriotismo.

Pierre de Lano;—que os allemães não levantam estatuas aos grandes artistas e escriptores francezes e por isso os francezes tambem não devem levantar estatuas aos allemães celebres.

Wiell Dorville:—uma estatua a Wagner? porque não? A França já levantou uma estatua a Shakespeare em Paris e outra a um inglez inventor da vaccina, em Boulogne-sur Mer. O genio não tem patria. Ora Wagner é um genio.

Catulle Mendès é pela estatua, assim como Rémy de Gourmont, Armand Charpentier, Brinn' Gaubast, Henry de Braines, Jean Thorel, Ivannhoé Rambosson, Gustave Michiels etc.

VARIAS NOTICIAS

— O jury musical do concelho municipal de Paris concedeu o 1.º premio a mr. Lucien Lambert, auctor da partitura *Spahi*, drama lyrico em tres actos extrahido do romance do mesmo titulo de Pierre Loti.

— Proximamente no Chatelet a *reprise* do *Tour du monde en 80 jours*.

— Principiamos os concursos no Conservatorio.

— Hontem no *Velodromo Buffalo* a grande corrida de velos pelas mais gentis e encantadoras actrizes de Paris.

— A nova revista da *Cigale* é: *Voyons mon ange*, grande troça ao anjo Gabriel.

— Deslumbrante a festa offerecida no Bosque de Bologne pelos Condes de Castellane ao *tout Paris*. Ao fundo do lago um templo grego onde cantavam os côros da Opera, emquanto as estrellas do bailado dançavam entre jorros electricos. Houve 3:600 convidados. E sabem quanto gastou o Conde n'esta phantasia? 400 mil francos! Convem notar que é casado com a filha d'um banqueiro dos Estados-Unidos que lhe trouxe um dote de 600 milhões de francos.

— Acha-se em Paris a actriz-cantora portugueza D. Maria Augusta Castro Pereira.

— Vae abrir-se em Paris, em Montmartre um café-concerto do genero *flamenco*, com uma troupe de 25 lindissimas andaluzas.

XAVIER DE CARVALHO.

Do PORTO — Julho, 13.

Theatro do Principe Real e o aspecto da sala. — As ultimas recitas e os *Sinos de Corneville* pela companhia italiana e sua despedida. — Telegrammas do Brazil. — A empreza futura do theatro de Trindade. — Falta de noticias.

Apesar das noites calmosas que ultimamente tem havido, os espectadores do theatro Principe Real não tem sido prejudicados.

A companhia Bonnazo-Milzi, n'esta ultima quinzena, annunciou diariamente, nos seus cartazes, espectaculos variados e alguns desconhecidos do nosso publico.

Tem graça o vêr o aspecto da elegante sala do Principe Real, n'estas noites abafadas, d'um calor tropical. Apresenta-se alegre, inquieta, buliçosa. Senhoras com *toilettes* vistosos, muito frescas, movendo os seus leques, em brandas ondulações; os homens de fato claro, abanando-se com os seus chapéus de palha—agora muito em moda — ou com ventarolas, agitadas desenfreadamente, o que imprime á sala um tom alegre e desusado.

De todas as recitas havidas esta semana a que mais nos agradou foi a d'*Os Sinos de Corneville*, essa deliciosa operetta de Planquette.

Está bem distribuida; a *mise-en-scène*, scenario e guarda-roupa excellentes.

O papel de *Gaspar* valeu ao seu interprete—Sevizzeri—applausos geraes. Sobre o trabalho dramatico d'este artista, no 2.º acto, produziram-se diversas opiniões, algumas das quaes, por muito banaes, não damos a lume.

A nossa opinião vae de encontro a todas as outras, pois que preferimos o trabalho do nosso querido artista José Ricardo.

O *Can-Can* final do 3.º acto foi o mais provocante que temos visto; o publico *tristou*, gostando da novidade.

A orchestra e coros firmes, como poucas vezes se nota.

Hontem foi a ultima recita com a mesma opereta e a *Gran-Via*. A casa completamente cheia. Os principaes artistas tiveram uma despedida affectuosa; as graciosas irmãs Perretti deixam aqui immensas saudades.

A' hora a que escrevemos esta companhia deve estar a partir para Sevilha, sendo substituida, n'este theatro, pelo *Animatographo*.

Julio Verde, estimado gerente do Principe Real, está resolvido, durante a sua gerencia, a proporcionar grandes novidades ao publico portuense. Ouvimos dizer que temos no inverno uma companhia lyrica com artistas de merecimento. Oxalá que o publico compense os esforços e boa vontade do sr. Verde.

*

Por telegrammas recebidos n'esta cidade, soubemos que os distinctos *virtuosi* Vianna da Motta e Moreira de Sá haviam dado no Rio de Janeiro o seu primeiro concerto, perante um auditorio selecto, que os acolheu entusiasticamente.

*

A empreza do theatro da Trindade tem contractado já alguns artistas para a futura epocha. Entre outros faz parte da companhia o estimado actor Roque e Rosa de Oliveira, actriz muito querida das nossas platéas.

*

E por falta de assumpto theatral somos forçados a enviar uma correspondencia pequena, o que de certo acontecerá durante estes dois mezes mais chegados, a não ser que assumpto imprevisto mande o contrario.

Pode dizer-se que estamos em ferias theatraes.

JOÃO PIMENTEL.

PARADOXO

ÁCERCA DO COMEDIANTE

Continuado de pag. 198

— É nenhuma sensibilidade?

— Nenhuma. Os meus argumentos não estão talvez bem ordenados, mas ha-de me permittir que os exponha á medida que me forem occorrendo, na desordem mesmo da obra do seu amigo. Se o comediante fosse sensível, de boa fé, poderia representar duas vezes a fio o mesmo papel com o mesmo enthusiasmo e com igual exito? Fogosissimo na primeira representação, estaria esfaldado e frio como marmore na terceira. Emquanto que o imitador attento e reflectido da natureza, na primeira vez que se apresenta no palco sob o nome de Augusto, de Cinna, d'Orosmane, d'Agamemnon ou de Mahomet, como é um observador rigoroso de si proprio ou dos seus estudos e analysta severo das nossas sensações, o seu jogo scenico em lugar de enfraquecer á medida que as representações se succedem, ha-de afirmar-se e fortalecer-se com as novas observações que fôr fazendo e annotando; exaltar-se-ha, ou abrandará segundo a pratica lhe aconselhar e todos os dias nos deixará mais satisfeitos. Se o actor fôr *elle proprio* quando representa, como deixará de o ser? E se quizer deixar a sua individualidade, como conseguirá marcar o ponto preciso em que tem de parar e manter-se, entre um e o outro extremo?

O que me confirma na minha opinião é a desigualdade dos actores *de temperamento*. Não esperem d'elles unidade na concepção e execução do trabalho: o seu jogo é alternativamente forte e fraco, quente e frio, chato e sublime. Amanhã hão-de falhar no ponto em que hoje foram extraordinarios: em compensação hão-de ser assombrosos onde falharam na vespera. Emquanto que o actor *de composição*, o que observa e estuda a natureza humana, o que persegue a imitação constante de algum modelo ideal será *um*, o mesmo em todas as representações, sempre igualmente perfeito: tudo lhe está medido, combinado, collocado e ordenado dentro da ca-

beça; não ha na sua declamação nem monotonia nem dissonancias. O enthusiasmo tem o seu progresso, o seu auge, a sua diminuição; começo, meio e fim. São sempre as mesmas inflexões, as mesmas posições, os mesmos gestos, os mesmos movimentos: se ha alguma differença d'uma representação para outra é ordinariamente em vantagem da ultima. Não será um mercenario, mas um espelho sempre prompto a reflectir os objectos, mostrando-os com a mesma precisão, a mesma força e a mesma verdade. Como o poeta, irá beber a inspiração á fonte inexgotavel da natureza, emquanto que d'outra forma bem depressa veria o fim da sua propria riqueza.

Que jogo ha mais perfeito que o da Clairon? e entretanto, siga-a, estude-a, e acabará por convencer-se de que á sexta representação ella sabe de cór os mais insignificantes pormenores d'esse jogo como as palavras do papel. Sem a menor duvida ella ideou um modelo, do qual procurou approximar-se: sem a menor duvida tambem, imaginou esse modelo o mais alto, o maior, o mais perfeito que lhe foi possivel: mas esse modelo que ella arrancou á historia, ou que a sua imaginação creou como um grande phantasma, não é ella; se tal modelo não fosse senão da sua altura como a sua acção seria pouco importante! Quando á força de trabalho ella se approxima da sua idéa, o mais perto que lhe é possivel, o estudo acabou: conserva-se firme n'essa posição conquistada, é uma simples questão de exercicio e de memoria. Se assistisse ao seu estudo, quantas vezes lhe diria: *E' isso!*... e quantas vezes ella responderia: *Não é ainda, está enganado!* E' como Le Quesnoy a quem um amigo agarrando-lhe o braço disse: — «Basta! o optimo é inimigo do bom, e tu vaes estragar tudo...» — Tu vês o que eu faço, replicou o artista ao critico maravilhado, mas não vês o que eu penso e o que quero realisar.» Eu não duvido de que a Clairon soffra os tormentos de Le Quesnoy nas suas primeiras tentativas, mas passada a lucta, quando se sente elevada á altura do seu phantasma, domina-se, ensaia-se sem commoção. Como tantas vezes nos acontece em sonhos, a sua cabeça toca as nuvens, as mãos vão abranger os confins do horisonte: ella é a alma d'um grande manequim que a envolve: os ensaios ajustaram-o ao corpo. Indolentemente estendida n'uma *chaise-longue*, cruzados os braços, cerradas as palpebras, immovel, ella

póde, continuando o seu sonho de memoria, ouvir-se, ver-se, criticar-se e julgar das impressões que produzirá. N'este momento ella é dupla: a pequena Clairon e a grande Agrippina.

— Pelo que diz, nada se parece tanto com um comediante em scena ou a estudar como as creanças que imitam as almas do outro mundo, erguendo acima das cabeças um lençol espetado n'um pau e fazendo sahir debaixo d'esse catafalco uma voz cava e lugubre que atemorisa os outros.

— Tem rasão. Não se dá com a Dumesnil o mesmo que com a Clairon. Essa entra em scena sem saber o que vae dizer: na maior parte das vezes nem sabe mesmo o que diz: mas chega um momento em que é sublime. E porque motivo ha-de o actor ser differente do poeta, do pintor, do orador, do musico? Não é no furor do primeiro jacto que os traços característicos se apresentam, é nos momentos tranquillos e calmos, nas occasiões inteiramente inesperadas. Não se sabe d'onde esses traços veem: participam da inspiração. E' ao sangue frio que per-tence temperar os delirios do entusiasmo. Não é o homem violento, fóra de si, que póde dominar-nos: tal resultado só o consegue o homem que tem poder em si.

Os grandes poetas, dramaticos especialmente, são espectadores attentos do que se passa em volta d'elles, no mundo physico como no mundo moral.

— Que é só um...

— Apprehendem tudo quanto os emociona e guardam essas sensações. E' d'essas memorias, armazenadas n'elles sem o quererem, que saem tantos phenomenos raros que passam para as suas obras.

Os homens violentos, sensiveis, estão em scena: dão espectáculo, mas não o gozam. E' por elles que o homem de genio faz o seu original. Os grandes poetas, os grandes actores e talvez em geral todos os grandes imitadores da natureza, quaesquer que elles sejam, dotados d'uma bella imaginação e de um são juizo, de fino tacto e de bom gosto, são os entes menos sensiveis. São igualmente proprios para muitas cousas diversas; occupam-se demasiado em observar, em reconhecer e em imitar para que possam ser vivamente impressionados com o que dentro d'elles se passa. Estou sempre a vel-os com a carteira no collo e o lapis na mão para tomarem as suas notas.

Nós sentimos, elles observam, estudam e pintam do natural.

Continúa.

DIDEROT.

O THEATRO NA SALA

VIII

HISTOIRE D'UN CRIME

Drame en cinq grimaces

I

Sur le sommet d'un roc, solitaire et sauvage,
Dominant les clameurs de l'Océan plaintif,
Estelle était assise; et, les yeux au rivage,
Songeait au beau jeune homme, élégant mais craintif,
Qu'elle aperçut hier, sous les bois d'aubépine,
Gravissant le sentier qui mène à la colline.

(Violent soupir.)

(Au public et d'un ton très simple.)

Les jeunes filles de la société qui, assises sur un roc, ont songé au beau jeune homme qu'elles avaient rencontré la veille dans un sentier fleuri, doivent constater que ce soupir est admirablement imité.

II

(Reprenant le ton lyrique.)

Elle rêvait tout haut, sans que rien l'interrompe:
« Quel plaisir de marcher, près de lui, tendrement!
« Le soir dans la forêt, il jouera de la trompe!
« Car il souffle du cor très agréablement.
« Et même, je le veux, je serai son élève!
« Nous ferons des duos! Je sonnerai du cor!... »
— Soudain, elle tressaille! « Lui! dit-elle à voix brève;
C'est lui, mon bien aimé, lui, mon tendre Agénor! »—
— Il parait.— Il la voit—accourt, puis à l'oreille
Lui déclare une flamme à nulle autre pareille.

(Ah! passionné.)

(Même jeu que plus haut.)

Les jeunes gens de la société qui ont déclaré leur flamme à une jeune fille assise sur un roc, doivent constater que ce ah! est admirablement imité.

III

(Même jeu.)

Mais, hélas! tout à coup, cruelle destinée,
Par un autre chemin, arrive en même temps
Un prétendant jaloux, à la face avinée,

Dont le cœur pour Estelle est d'amour palpitant.
—Il voit les amoureux;—frémissant de colère.
Il s'élançe sur eux, pour tuer son rival...
Agénor l'aperçoit!—Bondissant en arrière,
Il brandit en sa main, comme une Durandal,
Son Eustache, et le plonge au plus profond du cœur
Du traître qui pousse un râle, *ah arral*... et meurt.

(Même jeu.)

Les personnes de la société qui ont assassiné quelqu'un doivent se rendre compte de la fidélité avec laquelle jé viens de rendre le rôle d'un assassin qui expire.

(Rôle.)

IV

(Même jeu.)

Le lendemain matin, sous les traits des gendarmes,
Dame Justice vint arrêter l'assassin,
Arracha l'amoureux des bras d'Estelle en la rmes,
Et le mit en prison, comme un simple coquin.

(*Crac!*—Bruit d'une serrure.)

Les personnes de la société qui ont été enfermées dans une prison, doivent constater que c'est bien là le bruit d'une serrure que ferme le géôlier.

V

Après cinq ans, trois mois de prison preventive
Par messieurs les jurés, il se vit condamné
A la peine de mort! Cruelle perspective!
—Il signa son recours, le pauvre infortuné!
Monsieur le Président, craignant qu'il ne trépasse
Dit: «Qu'on lâche Agénor! Je lui donne sa grâce.

(Soupir de satisfaction.)

Les personnes de la société qui ont été condamnées à mort, puis graciées par Mr. le Président de la République doivent avoir poussé un soupir analogue.

LECORNU.



NECROLOGIA

AUGUSTUS HARRIS

A morte prematura de *sir* Augustus Harris, que uma curta doença arrebatou na idade de quarenta e quatro annos, é um acontecimento dos mais importantes para o mundo artistico, não só em Inglaterra mas no universo inteiro. Em poucos annos, este homem dotado de uma energia incomparavel, d'uma intelligencia e d'uma força de vontade raras, conseguira concentrar em Covent Garden todos os talentos, todos os artistas de valor, a ponto tal que até na opinião dos que não conhecem Londres uma escriptura no theatre Covent-Garden representava a consagração indispensavel a toda a carreira lyrica. O mesmo succedia nos outros ramos da arte theatral, porque quer fosse em drama, comedia, pantomima, opera,

opera comica, até mesmo em bailados ou magicas, *sir* Augustus Harris, o empresario de quinze theatros e o director de numerosas companhias em *tournee*, não contractava senão o que havia de melhor, depois de sérias reflexões e muitas vezes segundo os conselhos d'aquelles a quem elle considerava capazes de emitirem uma opinião de pezo.

Porque elle, cuja perspicacia e intuição de tudo quanto se relacionava com o theatre faziam a admiração de tanta gente, era sufficientemente illustrado para não desprezar os conselhos sensatos.

Esse espirito tão fino, tão subtil, sabia, nas occasiões proprias, curvar-se deante de intelligencias muitas vezes inferiores á sua, e aproveitar das pessoas que o rodeavam idéas que desenvolvia e ampliava rapidamente e que lhe serviam de ponto de partida para empresas colossaes. quasi todas coroadas de bom exito. Raro será encontrar um homem que, tendo começado como *sir* Augustus Harris pelos empregos mais modestos e tendo conquistado o bastão de marechal em pouco tempo, se curvasse tão facilmente ás exigencias dos seus collaboradores: mas é necessario acrescentar que o seu tacto, a sua esperteza e a sua affabilidade lhe facilitavam a tarefa: sabia conciliar todas as sympathias e fingindo ceder era elle quem decidia afinal em ultima instancia. Da collaboração conservava o que se lhe asfigurava util, e punha de parte sem appellação o que lhe parecia superfluo, sem ferir nem desconsiderar os seus collegas. E quem dizia collega dizia amigo: e hoje que elle já não existe, todos os que com elle trabalharam, grandes e pequenos, choram a morte d'um camarada, d'um sincero que tomava parte nos seus desgostos e nas suas alegrias e que fazia a parte de cada um nas victorias obtidas graças á sua direcção e ao seu trabalho.

Sir Augustus Harris nasceu em Paris em 18 de março de 1852: seu pae, ensaiador em chefe da Opera de Paris, tomou a direcção do Covent-Garden na idade d'ouro do theatre lyrico em Londres. Fez educar o filho no collegio Chaptal, mandou o depois para a Allemanha, e empregou-o, logo que os estudos se concluíram, na casa Tiffany, os famosos joalheiros de New-York. Foi d'aqui que elle passou, na qualidade de secretario, para casa de Emile Erlanger, onde adquiriu essa educação financeira que tão util lhe foi durante a sua carreira movimentada. Mas a rotina burocratica não podia conciliar-se com o seu espirito bulicoso, e fascinado pelo theatre o moço Harris debutou como actor em Manchester, em 1873. Seria ocioso catalogar os seus numerosos papeis desde 1877 a 1879, epoca em que tomou a direcção do Drury-Lane. A este respeito. Clément Scott, o celebre critico do *Daily Telegraph*, o Francisque Sarcy da Inglaterra, conta uma entrevista com Augustus Harris, na qual elle lhe narrou as peripecias da sua investidura n'esse cargo:

—Havia tres annos que eu era director de scena no Drury-Lane sob a direcção do coronel Mapleson, e estava convencido de que se obtivesse a direcção do theatre lhe introduziria consideraveis melhoramentos. Pouco tempo depois expirou o praso do arrendamento de Drury-Lane e eu apresentei a minha candidatura, mas sem resultado. Um anno depois o theatre fechou e eu voltei á carga. Obtive o arrendamento, mas como capital para a exploração apenas dispunha de tres libras sterlingas. Triste posição para o director do Theatre Nacional que no dia seguinte devia depositar 3:000 libras nas mãos dos proprietarios do edificio. Não sabendo com que santo me pegasse, fui procurar M. Reudle, que se interessava muito pelo theatre e pedi-lhe que me adeantasse a quantia de que precisava. Elle consentiu em emprestar-me 2:000 libras se eu conseguisse arranjar as primeiras mil. Parti logo em cata de commanditarios. Todos os meus esforços ficaram sem resultado. Não pude obter senão 750 libras. A minha sinceridade, a minha franqueza, a minha energia agradaram a M. Reudle e no dia seguinte, graças a elle, estava habilitado a depositar nas mãos do tabelião a somma total, não sem surpresa e alegria da minha parte. Pouco tempo depois casava com a menina Reudle e desde então não tive senão que dar parabens a mim

proprio pela boa sorte que me fez encontrar no mesmo dia o fundador da minha fortuna e uma esposa carinhosa e dedicada.»

Foi a sua energia devoradora que matou Harris. Queria elle ser o Alexandre, o Napoleão da sua arte, queria avassalar tudo; por toda a parte procurava novas combinações, efeitos gigantescos. Não contente de dirigir a estação d'opera em Covent-Garden, o drama e a pantomima annuaes no Drury-Lane, em Manchester e Liverpool, os theatros da Opera-Comica e da Avenida, acceitara ultimamente a presidencia do conselho d'administração do Olympia, essa immensa casa de espectaculos que occupa uma superficie de 7 hectares e que elle reorganizou completamente.

A Europa não lhe bastava para campo de operações: tinha quatro companhias em *tournee* nos Estados-Unidos, uma companhia d'opera em Africa, e procurava alugar um theatre em Paris para ahi explorar uma traducção franceza de *Cheer boys cheer!*

Accrescente-se a isto a direcção de tres companhias financeiras e industriaes, as suas occupações de High Sheriff da City em Londres, a presidencia da Companhia Civica dos Cortidores e o seu logar no Conselho Geral de Londres e ter-se-ha uma fraca idéa da somma de trabalho que elle produzia quotidianamente. Não contente de «montar» dramas, ainda os escrevia em collaboração com Cecil Raleigh e Hamilton, ao mesmo tempo que as pantomimas eram dispostas e ensaiadas por elle nos seus mais insignificantes pormenores.

Era elle quem vigiava tudo: fatos, scenario, *mise en-scène*, musica, bailados, côros, orchestra e publicidade tudo lhe passava pelas mãos, e em cada ramo d'esta immensa organização elle aplanava as difficuldades, suggeria as innovações e supprimia as inutilidades com vertiginosa rapidez e segurança de golpe de vista. Como homem honrado gosava d'uma reputação excepcional e como a sua palavra valia uma assignatura, contractava os artistas sem fazer escripturas.

Na vida particular era um amigo leal e sincero: não esquecia nunca um serviço nem retirava a mão que uma vez estendera. De resto as suas relações d'amizade eram sempre baseadas no conhecimento profundo que tinha dos homens: e a prova é a dedicação do pessoal de que se tinha rodeado.

M. Neil Forsyth, o seu secretario dedicado, ficou encarregado da direcção geral das suas numerosas committidas (que por expressa vontade de *sir* Augustus não soffrerão interrupção) e é permittido suppor que o seu successor industriado por elle saberá levar essas empresas a bom caminho.

Um comité composto dos srs. Forsyth, Higgins e Mancinelli, dirigirá a estação d'opera em Covent Garden e o publico parece disposto a prestar o seu concurso para que ella tenha um resultado satisfactorio.

Em todas as classes de Londres causou profunda sensação a morte de *sir* Augustus: ricos e pobres, grandes e pequenos, todos se uniram para offerecer á sua viuva pezaes sinceros e espontaneos. A rainha Victoria e o principe de Galles enviaram-lhe sentidos cumprimentos e dos quatro cantos do mundo chegam-lhes innumeros telegrammas.

*

Mrs. BEECHER-STOWE

No seu *cottage* de Hartford falleceu com 86 annos a celebre e conhecida auctora da *Cabana do Pae Thomaç*.

Nascida em Lichtfield (Connecticut) a 14 de junho de 1811 debutou por ser professora.

Foi durante uma estada no Cincinnati que visitando os Estados do Sul teve ensejo de conhecer de perto o sofrimento dos escravos que em sua casa encontravam sempre abrigo seguro da perseguição de seus senhores, fazendo-os fugir depois para o Canadá pelo famoso caminho de ferro subterraneo.

Em 1850 começou a publicar-se no *National Era* a afamada *Cabana do Pae Thomaç* de que, apenas nos tres

primeiros annos se venderam 313.000 exemplares só na America e de que depois se fizeram quatro traducções em francez, quatorze em allemão, e vinte em outras linguas incluindo a arabe, a chineza e a japoneza.

Por essa obra tão popular e pelas que a seguiram—*A chave da cabana do pae Thomaç*,—*O escravo christão* (drama), *A Emancipação do pae Thomaç*, Mrs. Beecher-Stowe conseguiu o que a politica era impotente para obter: dar ao movimento heroico iniciado por Garrison, Wandel, Philipp etc. um poderosissimo impulso á causa da anti-escravatura.

Mrs. Beecher-Stowe escreveu ainda mais obras entre as quaes se contam, *Nina Gordon*, *O nosso Charley*, *A noiva do ministro*, *Agnês de Sorrento*, *Historias de caes*, *as Pequenas Rapoças* e *Os Habitantes da Cidade Velha* (que, litterariamente, é considerada a sua obra prima) além de muitos contos, novellas, biographias, pamphletos, etc.

Quasi paralytica, Mrs. Beecher-Stowe, vivia de ha muito retirada quer na sua terra natal de Hartford, quer na Florida onde possuia uma grande plantação de laranjeiras.

*

JOAQUIM SILVA

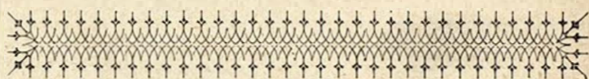
Mais um artista que o Brazil nos rouba. Leva-o a morte em começo do caminho que havia de o trazer á patria.

Joaquim Silva era um dos actores do nosso tempo mais estimado pelas platéas populares e que mais dispunha d'ellas ao sabor do seu genio alegre. Quando Palha o chamou para a Trindade, Joaquim Silva hesitou modestamente em abandonar os theatros baratos onde tinha iniciado a carreira e onde tinha adquirido sympathias e amizades. Não lhe foi porém adversa a sorte e na platéa da Trindade encontrou novos admiradores e novos amigos.

Como artista, se não deixa uma criação de que se fale, distinguio-se em alguns papeis d'entre os quaes se destacam o do *Homem da Bomba* e o dos *Trinta Botões* que fazia com grande brilho.

Morreu novo e deixava a esperar ainda do seu talento que sem duvida se evidenciaria no repertorio do Gymnasio para onde, dizem, vinha agora contractado.

A *Revista Theatral* deu no n.º 17 do seu 1.º volume o retrato de Joaquim Silva por occasião da partida d'elle para o Brazil.



VARIEDADES

As feiras.

Um nosso amavel correspondente chama a nossa attenção para a decadencia e vergonha a que chegaram as feiras que se fazem ás portas de Lisboa e, para exemplo frisante e que de momento se póde observar, indica-nos a de Alcantara que actualmente está de pé!

É mais do que uma vergonha, dizemos nós, é uma verdadeira chaga!

Se bem que directamente não entre em o nosso programma tal discussão, como o assumpto d'actualidade agora escasseie, e seja, por assim dizer, um dos maiores elementos componentes de uma feira, a casa d'espectaculos, não nos desagrada caturrarmos um pouco com o nosso «antigo assignante.»

Todos conhecem a origem das feiras.

No tempo em que não havia estradas nem meios de transporte, em que o caminho de ferro não tinha ainda penetrado nem no cerebro do seu inventor, em que impossivel seria admitir-se mesmo a probabilidade de fazer o telegrapho, as feiras serviam de mercado central onde os

habitantes das mais afastadas povoações se forneciam dos objectos de que precisavam, já para a sua labutação, já para o seu sustento proprio. As feiras, designadamente marcadas em dias certos do anno, eram os pontos d'encontro obrigados onde, annual ou mensalmente, os povos das mais retiradas localidades se entrevistavam, ou por seus negocios ou simplesmente por prazer e por se falarem. D'ahi nasceu a idéa de formar as feiras, além de barracas propriamente de negocio, de barracas de comer, para os que se achavam longe de suas casas, e de theatros e casas d'espectaculo para os que não podiam vir ás cidades conhecer embora em palido reflexo, as novidades e as curiosidades dos espectaculos que ás capitães é dado gosar com commodo.

Em o nosso Minho temos ainda documentos d'estes antigos costumes e feiras ali ha de nome como a da Agonia, a da Lameira, a de Villa Real e tantas outras. Mais perto temos ainda restos de antigas feiras de grande nomeada como a de Evora, da Merceana, d'Agualva, a de S. Pedro em Cintra e, no começo de todos os mezes, a do Campo Grande onde em outubro se reunia um dos maiores e importantes mercados volantes do paiz.

Hoje, as estradas multiplicadas e faceis, o milhão de meios de transporte, o caminho de ferro, a expansão do commercio alastra-se pelos mais reconditos pontos de qualquer paiz e os productos mais difficeis d'obter encontram-se agora na mais pequena aldeola.

Portanto as feiras deixaram de ter rasão d'existencia.

Aqui ha annos as nossas feiras de Belem e Campo Grande quasi se consideraram extinctas quando acabou a das Amoreiras e senão fosse o pedido de alguns barraqueiros ellas se extinguiriam de vez. Tornaram-se hoje n'um fóco de desordens onde a barraca de pannos e de fructos foi substituida pelas barracas de theatro e de comer e a que ultimamente os locaes de immoralidade chamados «caffés de camareiras» viéram pôr uma nota degradante e indecorosa. No estado em que as feiras agora se apresentam deveriam acabar mas... para resurgir de novo, aperfeiçoadas e melhoradas.

Porque ellas representam um grande e facil lucro que a Camara auferê alugando os seus terrenos, um negocio para os pequenos industriaes e para o povo um divertimento barato que não se lhe deve tirar.

Que se melhiorem é o que nós pedimos e é o que aconselhamos á Camara.

Em Paris (ainda no nosso ultimo numero o nosso estimado correspondente d'ali se entretinha falando da de Neuilly) ha quasi uma feira permanente nos boulevards exteriores e ora em Batignolles ora em Clichy, quer em La Villette quer na Bastilha, ha sempre um local onde se reune grande porção de barracas principalmente de carroseis, de jogos de diversas especies e de doces, *mirtons* etc. As feiras annuaes do *Jambon* e do *Pain d'Epice* são notaveis não só pela enorme area que occupam mas pela excellencia das barracas que n'ellas se apresentam. No anno que ainda está correndo viu, quem escreve estas linhas, a da barreira do Throno onde se apresentaram carroseis de cavallos, velocipedes, etc., ultimamente chegados d'America, verdadeiramente ricos, phantasticos e estonteadores, theatros onde exhibiam magicas com mais riqueza do que nos nossos theatros regulares.

Simplemte n'estas feiras ha um plano. Além da demarcação ser severamente regulada de fórma a não prejudicar nem o movimento geral da rua, nem a commodidade publica, busca-se tambem não descurar a parte bella das edificações volantes. A Camara não consente barracas fóra do alinhamento por ella marcado nos locaes destinados a cada uma, e que, se não interior ao menos exteriormente, apresentem fachada digna, bonita ou pelo menos acieada.

Nas nossas feiras não. As barracas armam onde querem, fachada rara é a que tem, e, a que tem, tem-n'a indecente; um encanstrado mal feito de taboas pôdres e está prompta a frontaria.

O que se vê lá para dentro — que cousa alguma se deveria ver — é nojento e asqueroso. A Camara apenas cuida de receber 200 réis, crêmos, por cada metro quadra-

do e de nada mais se importa mandando, por muito favor, um continuo designar o logar dos feirantes. O traçado geral da feira não obedece a um risco, nem é proprio de uma terra civilisada.

No Porto mesmo, a nossa 2.^a cidade que em muitas coisas nos leva a palma, as feiras de S. Lazaro e da Boa Vista, têm um vago plano geral; ha um certo alinhamento e uma certa uniformidade nas barracas que um empreiteiro contracta com a Camara fazer e que os feirantes alugam já construidas, alindando-as depois como pôdem ou como querem. Em Lisboa, a capital, não senhores! Pois é preciso fazel-o. E se a Camara quizer tomar um bom conselho de quem nada lhe leva por elle, proceda d'outra fórma, a bem de todos e de si mesmo, abrindo um concurso ou uma arrematação em que um empreiteiro se proponha a construir uma feira em certas e determinadas condições, obedecendo, é claro, a um caderno d'encargos, pagando de sua conta ou trabalhando por conta da Camara, conforme mais convier, e recebendo dos barraqueiros o aluguer ou o preço de venda das barracas se elles depois as quizerem comprar, mas que tudo seja escravo de um plano de plantação e d'edificação em que senão houver belleza haja pelo menos acieio. Para a Camara será um lucro muito maior e mais rapido porque o arrematante pagará de prompto, para os barraqueiros mais facil o aluguer ou compra da barraca porque o arrematante lhe fará concessões, para a cidade será digno e proprio, para o publico mais espectacularo, mais variado e maiores novidades lhe dará a gosar, porque a verdade é que o que forma o maior encanto das feiras de todo o mundo é aqui completamente desconhecido.

Assim se faz na Russia, o paiz mais atrazado da Europa; assim se faz na America o continente mais adiantado do Mundo.

O *Seculo* de 10 de Julho, na sua resenha da sessão da Camara Municipal de Lisboa, elucida-nos de que:

«Relativamente á compra de algumas operas modernas para as bibliothecas municipaes, o sr. Antonio Duarte deu explicações á Camara, declarando que apenas tinha aproveitado a occasião para completar uma collecção já existente e que é muito procurada, acrescentando que a casa Paccini, que forneceu as referidas partituras, se encarregou de as fornecer encadernadas.»

«O sr. Alves do Rio contestou a utilidade da aquisição das operas para as bibliothecas municipaes, propondo que se suspendesse a aquisição de mais operas preferindo livros que sejam de maior utilidade.»

«O sr. Antonio Duarte respondeu que, considerando essa proposta uma censura, pedia a demissão do seu cargo, demissão que não lhe foi concedida pela Camara, retirando então o sr. Alves do Rio a sua proposta.»

Nada temos, é evidente, com que a Camara compre operas ou fadinhos para receber a poeira das prateleiras das suas bibliothecas, mas, como o sr. Alves do Rio, contestamos a utilidade d'essa aquisição sem sabermos primeiro, se antes das taes operas, se adquiriram já as obras theatraes de Gil Vicente, do Prestes, de Sá de Miranda de Figueiredo, do Judeu, de tantos outros, ou mesmo as de Garrett, de Camillo, de Mendes Leal etc.?

Decerto já lá estão, não é possivel pô-lo em duvida, muito mais depois da turca imposição do sr. Antonio Duarte — *Ou operas, ou demissão*. A não ser assim teriamos de crer, que, como aliás já o fez nas sessões contra a concorrência das companhias dramaticas estrangeiras, o sr. Antonio Duarte advogava de preferencia, nas sessões da Camara, a causa do *Rei de Lahore* e da *Bella Helena* contra a das *Côrtes de Jupiter* e a do *Frei Luiz de Sousa*.

Repugna-nos esta idéa, porque, francamente, seria um cumulo que o vereador da instrucção procurasse iniciar os seus municipes nas obras estrangeiras antes de conhecer as suas glorias litterarias nacionaes.

Ou seremos nós, sem que o saibamos, um paiz de musicos com decidida vocação só para a opera estrangeira?